

INSTITUTO CAUSA

Informar para formar

Fascículo -

São Paulo, SP

CONFUSÃO NO SISTEMA DE VALORES DO OCIDENTE

Confusão no Sistema de Valores do Ocidente

O mundo de hoje alcançou tal desenvolvimento tecnológico que poucos ousaram sonhar a apenas cinquenta anos. Já podemos viajar para planetas distantes e podemos explorar o fundo do oceano. Podemos nos comunicar com qualquer parte do mundo em questão de segundos. Cientistas de muitas nações, trabalhando juntos, têm sido capazes de encontrar soluções e curas para problemas que preocuparam nossa civilização por séculos.

Apesar de todos estes avanços, a humanidade ainda é dilacerada por guerras e ódio. Nossas cidades em todo o mundo estão sofrendo níveis criminais nunca vistos. Droga, racismo, crime organizado e mesmo

assassinatos políticos têm deixado sua marca na sociedade contemporânea.

O fato de estes problemas irem além das fronteiras nacionais e afetarem todo e qualquer subgrupo sugere que esses problemas não são causados pelo ambiente local. Os problemas estão profundamente enraizados, portanto, não poderemos responder a eles superficialmente. Os problemas que confrontam o homem do século XX constituem um desafio para as bases morais e éticas de nossa sociedade. O que segue é um exame do atual sistema ocidental de valores, suas origens históricas e sua influência nos acontecimentos presentes.

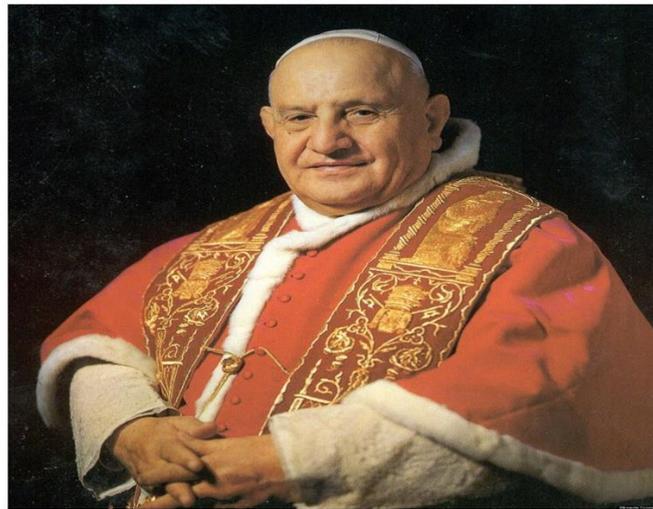
I. O MUNDO IDEAL E A REALIDADE

Dois mil anos atrás Jesus ofereceu ao Pai uma oração na qual encontramos estas palavras: "Seu reino virá, Seu desejo será feito, na terra como é no céu". Estas palavras expressam o desejo de ver a vontade de Deus cumprida aqui na terra. Fisicamente (externamente) pelo menos, esta esperança ainda não foi preenchida. A humanidade continua sofrendo.

**“Pai Nosso, que estais no Céu,
Santificado seja o Vosso Nome
Venha a nós o Vosso Reino,
Seja feita a Vossa Vontade,
Na Terra como é no Céu.”**

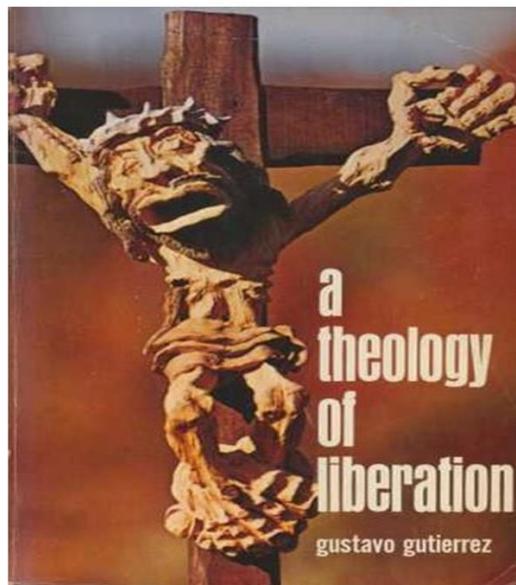
Mateus 6:9-10

Na história, várias pessoas tentaram realizar as palavras da oração de Jesus Cristo. Em tempos mais recentes, o Concílio Vaticano II (presidido inicialmente pelo Papa João XXIII) clamou pela necessidade urgente de responder às deploráveis condições de vida e pobreza existentes no mundo. A Teologia da Libertação, que ganhou considerável popularidade na América Latina, fala em construir o Reino de Deus aqui na terra, erradicando a injustiça social.



O Papa João XXIII

Fonte: <https://cleofas.com.br/quem-foi-o-papa-joao-xxiii/>



Fonte: https://www.goodreads.com/book/show/824501.A_Theology_of_Liberation

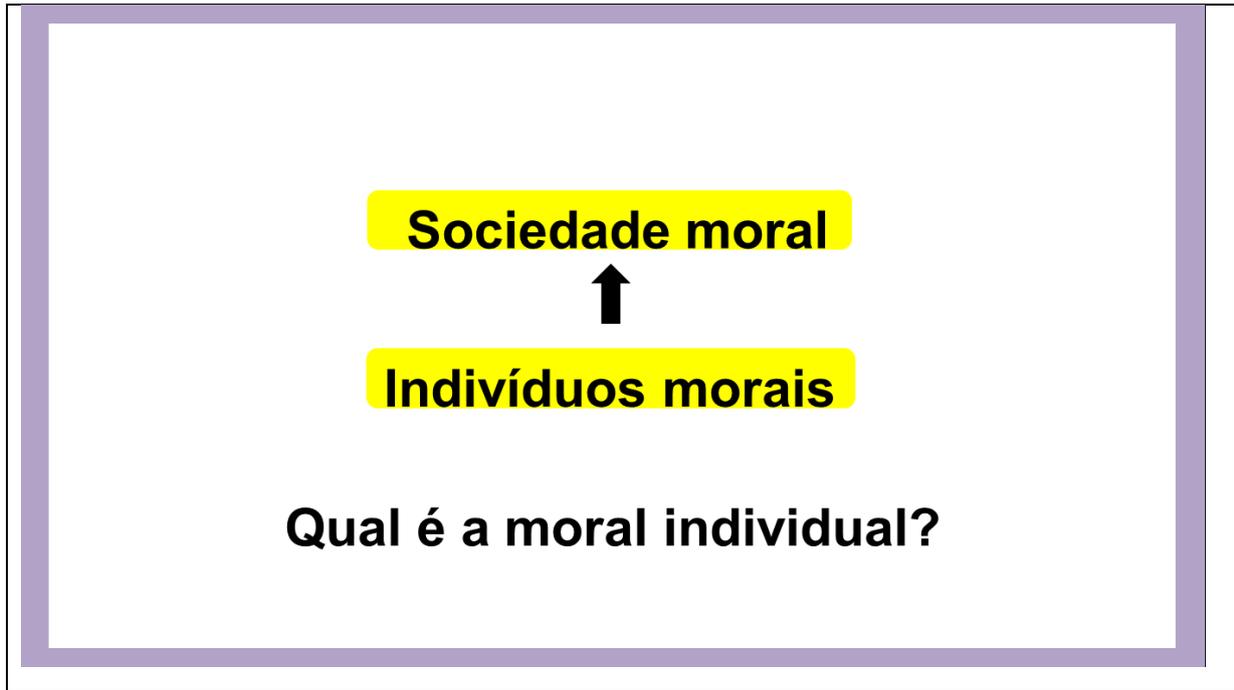
Podemos dizer que o marxismo, em termos de seus objetivos e propósitos, representa uma imitação sinistra do Reino de Deus na terra e tenta construir um mundo utópico do qual Deus foi excluído.

Apesar das várias metodologias surgidas para construir uma sociedade ideal, nenhuma foi bem sucedida. Isto nos leva a reexaminar as bases sobre as quais uma sociedade justa pode aparecer.

AS BASES DE UMA SOCIEDADE VERDADEI RAMENTE JUSTA E MORAL

Apesar de alguns acreditarem que a sociedade molda o indivíduo, geralmente se aceita que os indivíduos que constroem uma sociedade, projetam sua maneira de pensar nas instituições desta sociedade. Por este motivo, para se construir uma sociedade justa, moral e centralizada em Deus, necessitaríamos de indivíduos de integridade real. A menos que indivíduos morais, centralizados em Deus, formem uma sociedade ideal, ela será corrompida.

O que é, então, a base para uma pessoa moral? O ser humano é formado de mente e corpo. Um relacionamento harmonioso deveria existir entre estas duas dimensões. Essencialmente a mente ou espírito que procura o divino deveria guiar o corpo preso à matéria. Ambos esses aspectos têm grande importância, mas eles realmente precisam de um relacionamento equilibrado.

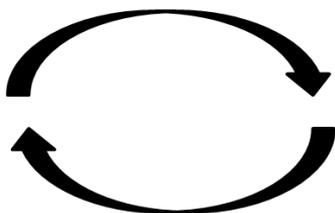


O apóstolo Paulo, entretanto, fala de uma discordância real entre mente e corpo no capítulo 17 de sua carta aos romanos. Ele diz: “Em meu interior, me deleito na lei de Deus, mas em meus membros vejo outra lei lutando contra a lei de minha mente [...]” **(1)** Esse tipo de contradição entre mente e corpo causa uma luta dentro do ser.

Espírito



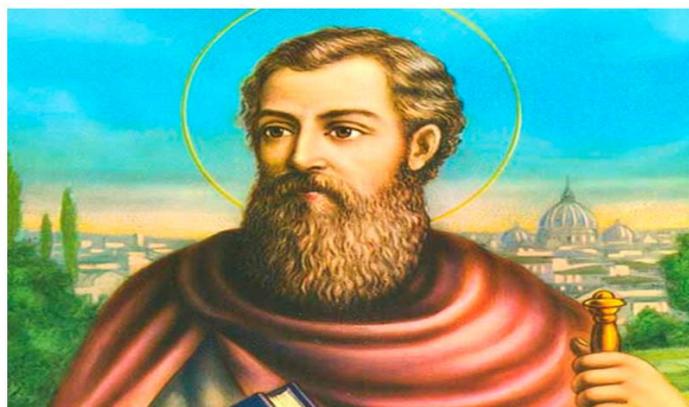
Sujeito



Corpo



Objeto



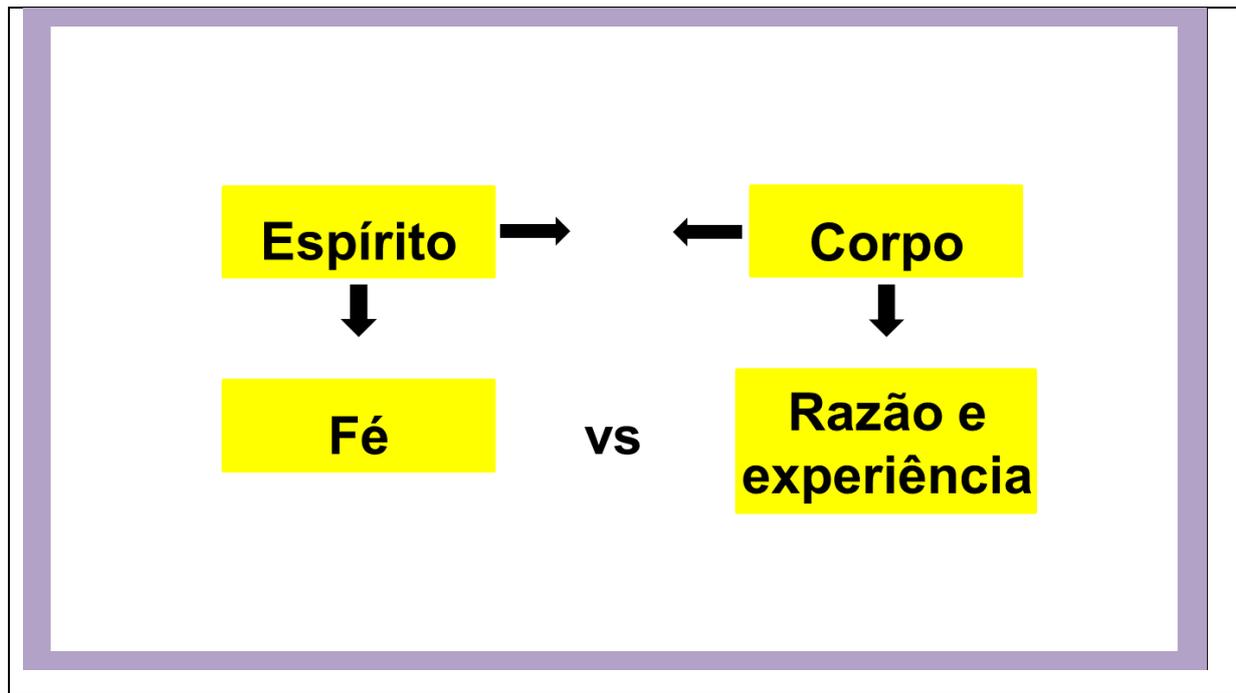
São Paulo

Fonte: <http://www.nospassosdepaulo.com.br/p/vida-de-sao-paulo.html>

“Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus, as vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros.”

Romanos 7:22-23

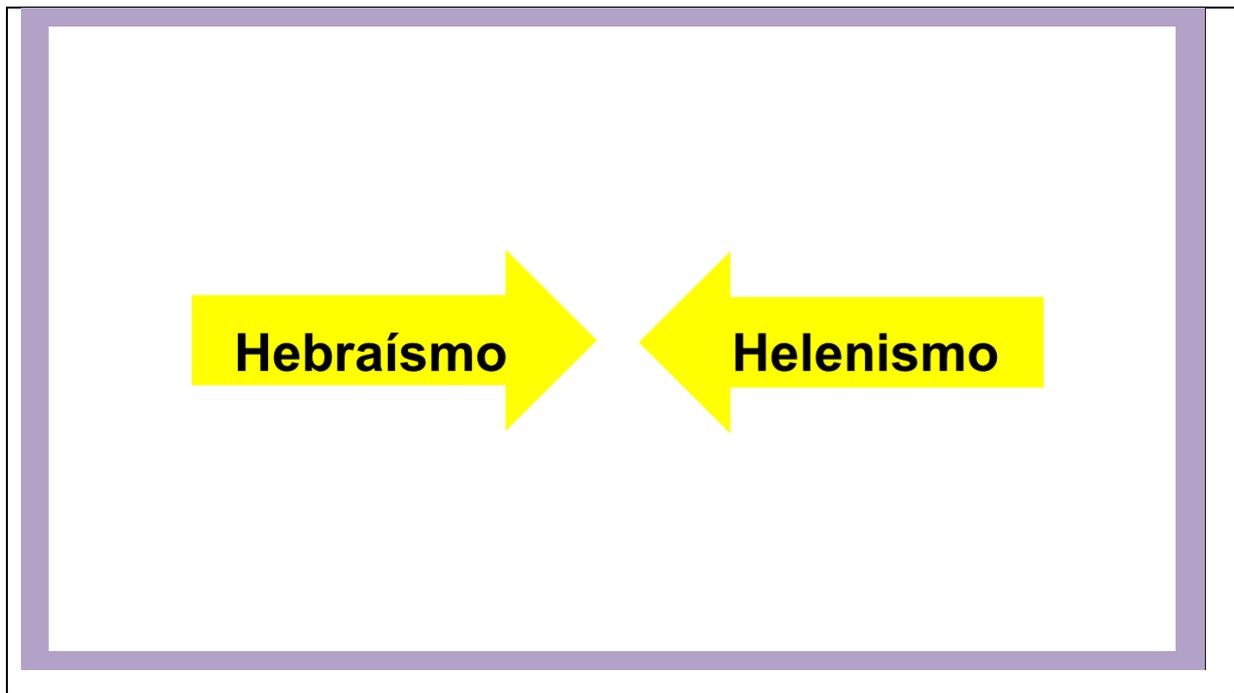
Idealmente, como declaramos, deveria existir um relacionamento recíproco de sujeito e objeto, com a mente guiando o corpo, mas ao contrário, encontramos um relacionamento de sujeito-objeto. Em outras palavras, existe um relacionamento de conflito entre os desejos da mente e os do corpo. Este conflito tem encontrado expressão na tensão histórica entre duas tendências na tradição cultural humana — uma salientando a fé e a outra, razão e senso de experiência.



II. AS TRADIÇÕES HUMANISTAS E RELIGIOSAS

A sociedade ocidental possui suas raízes em duas grandes tradições. O hebraísmo ou a tradição religiosa é baseado na fé. A verdade é encontrada no transcendental e somente pode ser conhecida pela fé.

O helenismo ou tradição humanista, em contrapartida, liga verdade com razão e sentido de experiência. Podemos resumir a tensão entre as duas questões de fé vs. razão. Estas duas tradições têm influenciado grandemente os fundamentos do Cristianismo e continuam a influenciar ainda hoje.



Através dos séculos, a filosofia e a cultura se desenvolveram a partir da tradição humanista, bem como da tradição religiosa. Raramente emergem grandes pensadores como Agostinho ou Tomás de Aquino, que lutaram pela santidade, bem como por entendimento intelectual, e ajudaram a unir os abismos existentes entre as duas raízes paralelas da cultura ocidental.

Como podemos descrever a essência do helenismo? Em seu texto *The Rebel*, o filósofo Albert Camus vê Prometeu como um protótipo da tradição humanista. Prometeu foi o imortal responsável por tomar o fogo de Zeus e dá-lo à humanidade. Zeus puniu Prometeu por esse gesto, acorrentando-o a uma montanha. De acordo com a mitologia grega, Zeus enviava sua águia dia após dia para devorar o fígado de Prometeu. À noite, supostamente, o fígado de Prometeu se regenerava e o processo se repetia. Prometeu sofria tal tormento porque se recusava a arrepender-se diante de Zeus. Zeus era para ele um deus injusto. Camus

declara que sua visão de Deus como injusto é típica da tradição helênica a qual, ele diz, glorifica a grandeza e a bondade e diminui a justiça dos deuses. (2)

Enquanto o helenismo postula a injustiça de Deus, o hebraísmo focaliza a justiça de Deus e a fraqueza moral dos homens. Quando estudamos a história, podemos reconhecer que de vez em quando ocorrem lutas entre estes dois pontos de vista divergentes. A tradição religiosa tem se manifestado na forma do reformador religioso, místico e santo. Os humanistas têm se manifestado no artista, no cientista e no intelectual. Apesar de natureza não necessariamente contraditória, estas perspectivas têm resultado em divisões e conflitos históricos.



Moisés

Fonte: <https://kingolabs.com.br/por-que-moisés-levou-40-anos-para-atraversar-o-deserto/>



Prometeu

Fonte: <https://suoper.abril.com.br/historia/prometeu-o-inventor-da-humanidade/>

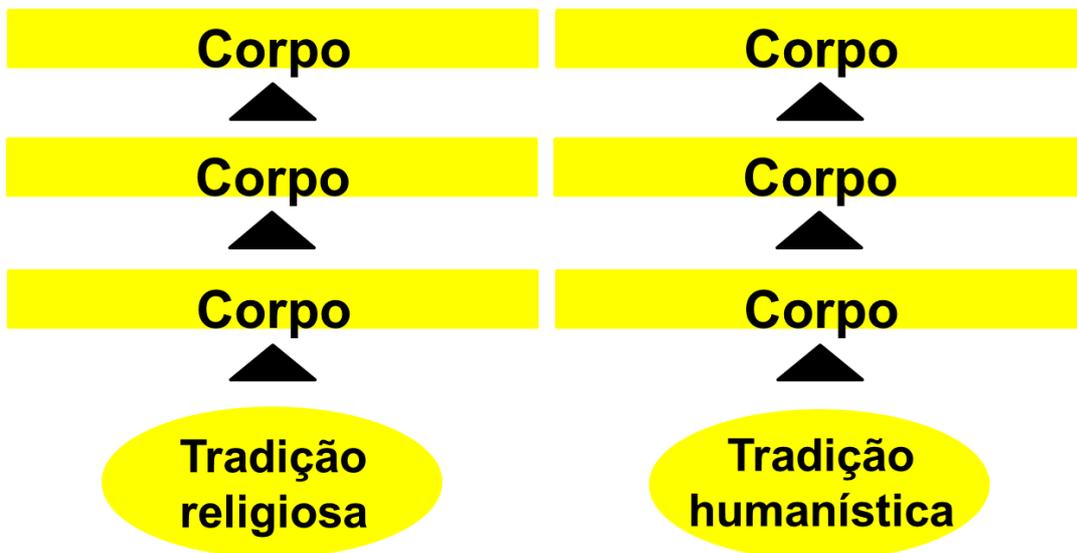
III. TRADIÇÃO RELIGIOSA E TRADIÇÃO HUMANISTA NA HISTÓRIA ATUAL

Nesta apresentação não podemos estudar todo o desenvolvimento das tradições humanistas e religiosas. Limitar-nos-emos aqui a considerar o impacto e influência destas duas tradições sobre a sociedade moderna. Quando nos voltamos à história europeia dos séculos XV e XVI, reconhecemos que dois fenômenos importantes aconteceram: a Renascença e a Reforma. A Reforma constituiu-se de um redespertar dos valores espirituais, característicos da tradição religiosa. A Renascença resulta de um ressurgimento do humanismo. Ambas as tendências têm um grande impacto sobre o desenvolvimento das instituições sócio-políticas, morais e religiosas de hoje.



Idade Média

Fonte: <http://historiaeciaia.blogspot.com/2014/11/o-trabalho-na-idade-media.html>



A. A REFORMA

Os heróis mais conhecidos da Reforma são os reformadores protestantes, Lutero e João Calvino. No entanto, o impacto da Reforma não está limitado ao protestantismo. Através da Contra-Reforma, houve

também um ressurgimento espiritual que produziu místicos como Tereza D'Ávila e João da Cruz.



Martinho Lutero

Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/historia-livro-martinho-lutero.phtml>



São João da Cruz

Fonte: <https://santo.cancaonova.com/santo/sao-joao-da-cruz-conhecido-como-doutor-mistico/>



Santa Tereza D'Ávila

Fonte: <https://pt.churchpop.com/4-imperdiveis-conselhos-de-santa-teresa-davila-para-voce/>

O caráter da Reforma e Contra-Reforma foi interno. Inspirou homens e mulheres a entender a Bíblia. Trouxe um novo despertar dos valores morais e um reexame sincero das implicações da fé cristã.

Reforma

1. Interna

2. Necessidade de um relacionamento pessoal com Deus e a Bíblia.

B.O RENASCIMENTO

O Renascimento provocou um fenômeno muito diferente. Mais particularmente, a Renascença desafiou muitos conceitos nos quais o povo havia acreditado cegamente durante séculos. Por exemplo, Maquiavel, em seu livro *O Príncipe* desafiou implicitamente o conceito do monarca como "eleito de Deus". Da mesma forma, desafiou a ética cristã e optou pelo que era "pragmático" no ganho do poder. O príncipe descrito por Maquiavel deve ser pragmático; pronto e capaz de exceder as fronteiras da conduta cristã se lhe for permitido manter o poder. É de Maquiavel que desenvolvemos o conceito de que "os fins justificam os meios", e o fim de Maquiavel é o poder político.



Maquiavel (1469 – 1527)

Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Nicolau_Maquiavel

Podemos classificar a Renascença como "externa" em natureza. Ao invés de refletir sobre o caráter moral da humanidade, ela deu ênfase aos

avanços intelectuais. Revelação e experiência mística foram rejeitadas como um modo válido de conhecimento. Descartes e Bacon ao contrário trouxeram o racionalismo e o empirismo como novos padrões para o discernimento da verdade.



René Descartes (1596 – 1615)

Fonte: https://es.m.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes

Renascença

1. Externa

2. Focalizada sobre o desenvolvimento do entendimento intelectual e glorificação do homem

C. O GRANDE DESPERTAR

Aproximadamente dois séculos depois do auge da Renascença e da Reforma, encontramos padrões similares de desenvolvimento na tradição religiosa e intelectual através do Iluminismo e do Grande Despertar.

Certamente pode ser dito que o Grande Despertar representa um tipo de segunda Reforma. O Grande Despertar ocorreu primeiramente nos Estados Unidos, entretanto suas raízes estão também relacionadas à França e Inglaterra.

Durante o século XVII, a França substituiu a mística Espanha do século XVI como ponta de lança da renovação católica. Com reformadores como São Francisco de Sales e São Vicente de Paula, na França, o século XVII foi chamado o século dos santos. A prática religiosa popular atingiu níveis nunca antes alcançados na história da França. No campo intelectual, o filósofo Blaise Pascal propagava uma doutrina cristã que ensinava a experiência de Deus através do coração mais do que pela razão.

Durante a mesma época, o Puritanismo desenvolveu-se como um movimento de purificação na Igreja da Inglaterra, buscando levar a Reforma além do estágio que tinha alcançado em séculos anteriores. Instituições intelectuais, políticas, econômicas, sociais e religiosas do mundo anglo-saxônico permaneceram profundamente influenciadas pelo espírito puritano.

Na Inglaterra do século XVIII, os irmãos Wesley, John e Charles, fundaram o movimento metodista destinado a fazer brilhar um novo espírito nas igrejas. Segundo muitos historiadores, o grande alcance da

ação social e evangélica dos Wesleys auxiliou a Inglaterra a evitar a revolução violenta que a vizinha França teve que suportar.

O Grande Despertar, de alguma forma, constituía a partida do desenvolvimento intelectual do século XVIII. Ao invés de enfatizar o entendimento intelectual de Deus, o Grande Despertar enfatizava a fé e o relacionamento com Deus.

O Grande Despertar inspirou um reavivamento religioso através da Nova Inglaterra. Seu direcionamento centralizado em Deus veio a ter grande impacto sobre o desenvolvimento cultural e espiritual da América. Uma das primeiras figuras do Grande Despertar foi Jonathan Edwards. Pregadores como Edwards enfatizavam a necessidade do relacionamento pessoal com Deus e Cristo, e também exortavam os cristãos a estudar e aplicar os ensinamentos da Bíblia na vida diária. Muitos historiadores relacionam as raízes culturais e espirituais da revolução americana com os eventos que cercaram o Grande Despertar.



Jonathan Edwards (1703 – 1758)

Fonte: [https://es.m.wikipedia.org/wiki/Jonathan_Edwards_\(te%C3%B3logo\)](https://es.m.wikipedia.org/wiki/Jonathan_Edwards_(te%C3%B3logo))

Pietismo e o Grande Despertar

- 1. Reação ao Formalismo e ao Intelectualismo**
- 2. Estudo Bíblico**
- 3. Necessidade de Experiência Religiosa Pessoal**

D. O ILUMINISMO

O Iluminismo teve suas raízes essencialmente na França. Um dos pontos mais altos do iluminismo foi o desenvolvimento da Enciclopédia por Diderot e D'Alembert. A Enciclopédia fornecia meios pelos quais um indivíduo culto poderia obter rápidas referências sobre um grande número de tópicos, inclusive música, filosofia e arte. Os filósofos franceses do iluminismo desafiaram a religião como instituição social, bem como a visão tradicional de Deus como um ser pessoal capaz de intervir na vida do homem, realizar milagres e orientar a história da Providência (ver Cap. 2).



Carlos I

Fonte: https://www.elespanol.com/cultura/historia/20180928/carlos-rev-espana-nacio-retrete/341466279_0.html

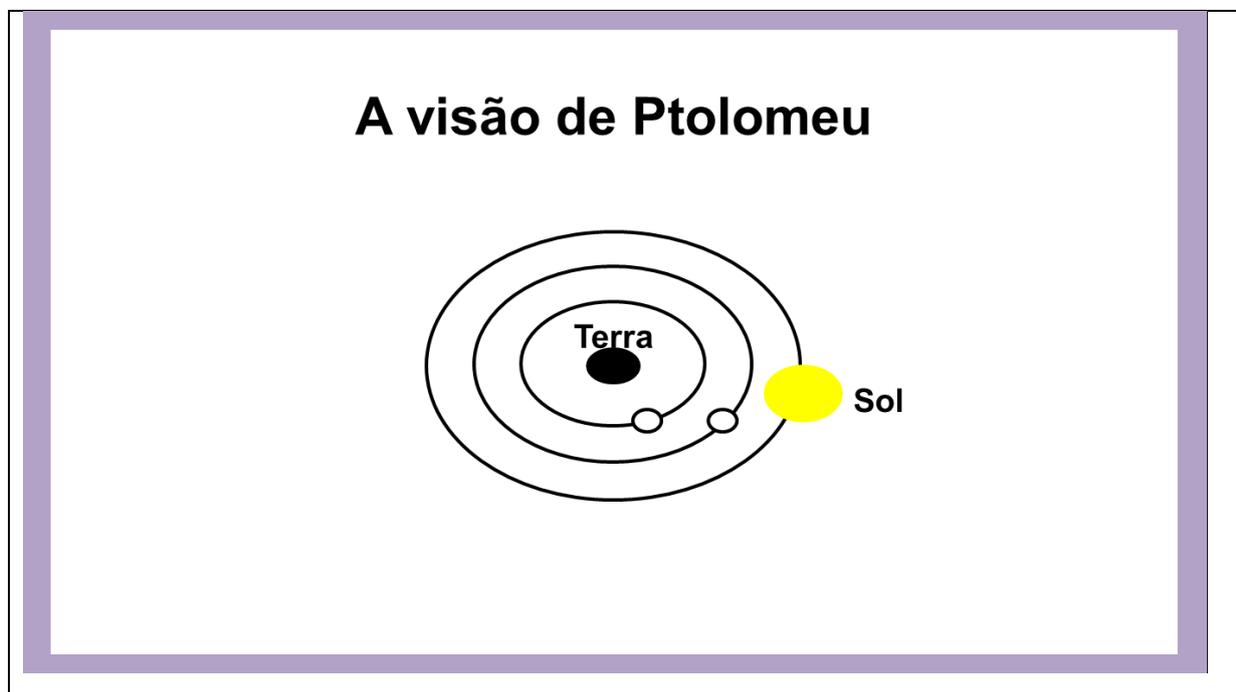
Iluminismo

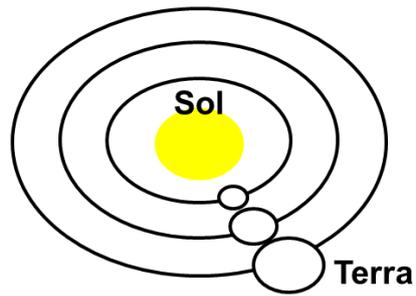
- 1. Questionamento da Doutrina de Valores**
- 2. Individualismo**
- 3. Progresso Humano Universal**
- 4. Método Empírico**
- 5. Racionalismo**

Os pensadores do iluminismo contribuíram para uma atitude antirreligiosa na França do século XVIII. Através de indivíduos como Voltaire, o iluminismo desafiou a visão tradicional de Deus. Voltaire e outros adaptaram as descobertas do deísmo britânico do século XVII.

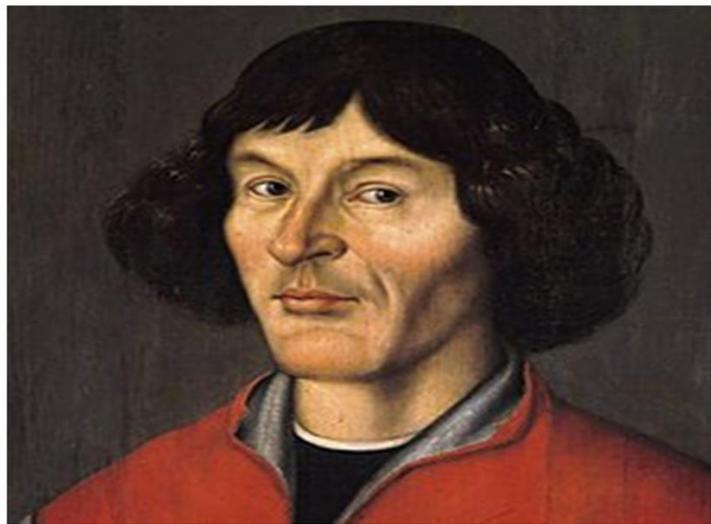
A visão deísta do universo como uma máquina veio de Copérnico. Foi Copérnico quem primeiro desafiou a noção ptolomaica que afirmava

ser a terra e não o sol o centro do nosso sistema. Copérnico, contemporâneo de Lutero, foi rejeitado pelo protestantismo bem como pelo catolicismo. Quando, no século seguinte Galileu defendeu a mesma posição, foi exposto ao ridículo e à perseguição religiosa. Através das descobertas posteriores de Newton, tornou-se claro que as observações de Copérnico tinham sido exatas. Isto levou alguns a questionar a credibilidade do Cristianismo e buscar um novo enfoque para a religião. Esta visão era o deísmo. O deísmo enfatizava o papel da ciência e o caráter mecanicista do universo. Em grande parte, entretanto, não havia conflito entre o Cristianismo e o deísmo britânico.





A visão de Copérnico



Copérnico (1473 – 1543)

Fonte: https://es.m.wikipedia.org/wiki/Nicol%C3%A1s_Cop%C3%A9rnico



Newton (1642 – 1727)

Fonte: https://es.m.wikipedia.org/wiki/Isaac_Newton

Para o deísmo francês do século XVIII, Deus assumia o papel de um simples fabricante de máquinas e o universo, o papel de uma máquina. Deus criara o universo, Sua máquina, de acordo com leis racionais que foram descobertas pelos homens. Após criar o universo, Deus se afastou. Ele não interferiria mais com o processo da natureza e trabalhos do homem. Apenas à humanidade ficava o encargo de efetuar mudanças no mundo. Os seres humanos não deviam esperar em Deus; Seu auxílio não viria.

O iluminismo está fortemente ligado à ciência. O desenvolvimento da ciência e tecnologia, as descobertas de Newton das leis do movimento, a Revolução Industrial, deixaram o povo com um grande senso de otimismo. Muitos sentiam que o progresso humano era inevitável e que através do avanço da ciência a humanidade enfim seria bem sucedida no sentido de resolver todos os problemas dentro da sociedade. Este otimismo encorajou a Revolução Industrial, mas da mesma forma

permitiu que a injustiça social prosseguisse sem acompanhamento crítico, porque os teóricos sociais pensavam que as injustiças sofridas pelos trabalhadores eram necessárias para abrir caminho para o futuro utópico da humanidade.

A Revolução de Copérnico

- 1. Fortalecimento do Deísmo**
- 2. Teorias de Evolução**
- 3. Indiferença à Situação da Classe trabalhadora**

E. A REVOLUÇÃO AMERICANA

Ao final do século XVIII, estas duas tendências tornaram-se manifestas em dois modelos revolucionários — um baseado em Deus e outro negando a existência de Deus.

Embora essas duas revoluções ocorressem aproximadamente no mesmo tempo, elas tinham duas origens filosóficas diferentes. Geralmente, podemos atribuir as bases filosóficas da Revolução Francesa à Renascença e ao iluminismo. Podemos atribuir a base filosófica da Revolução Americana mais ao Grande Despertar.

Consideremos cada uma dessas revoluções.

Um fator importante no fundamento do espírito dos Estados Unidos foi a atitude de muitos dos pioneiros que chegaram às praias de Massachusetts, Nova York e Maryland. Eles foram à América não meramente à procura de prosperidade econômica, mas porque procuravam o direito de praticar a fé de sua escolha em liberdade. Os pais peregrinos que cruzaram o Atlântico no Mayflower, arriscaram suas vidas com o propósito de praticar suas crenças religiosas e ideais.

A importância de Deus em suas vidas está claramente refletida nos dizeres do mapa que criaram antes do desembarque no Mayflower. Durante os primeiros invernos em Massachusetts, muitos deles perderam suas vidas, mas eles estavam preparados para tal sacrifício, porque para eles nada era mais precioso do que adorar a Deus como lhes aprouvesse. Após a colheita de sua primeira safra, os peregrinos se reuniram em oração e agradecimento, em comemoração a Deus que os tinha protegido. Alguns dos primeiros pioneiros viram a América como uma nova Israel e uma nação de cunho providencial.

Quando estudamos os documentos que cercaram a Revolução Americana, encontramos constantes referências à Providência Divina e à crença de que, sem a orientação do Todo-Poderoso, a revolução não poderia alcançar Seus objetivos. Quando a constituição dos Estados Unidos foi escrita, o primeiro artigo da Nota dos Direitos dizia: "O congresso não fará nenhuma lei a respeito do estabelecimento da religião ou proibindo o seu livre exercício". Em seu discurso inaugural, George Washington dedicou um terço de sua mensagem para expressar a necessidade de a América confiar em Deus à medida que dava seus primeiros

passos em direção ao nacionalismo. Quando Washington se tornou presidente, ele recebeu apoio local e internacional. Católicos, judeus, metodistas e episcopais, todos dirigiram suas orações e seu apoio para sua presidência, e clamaram a Deus para que guiasse sua nova nação.



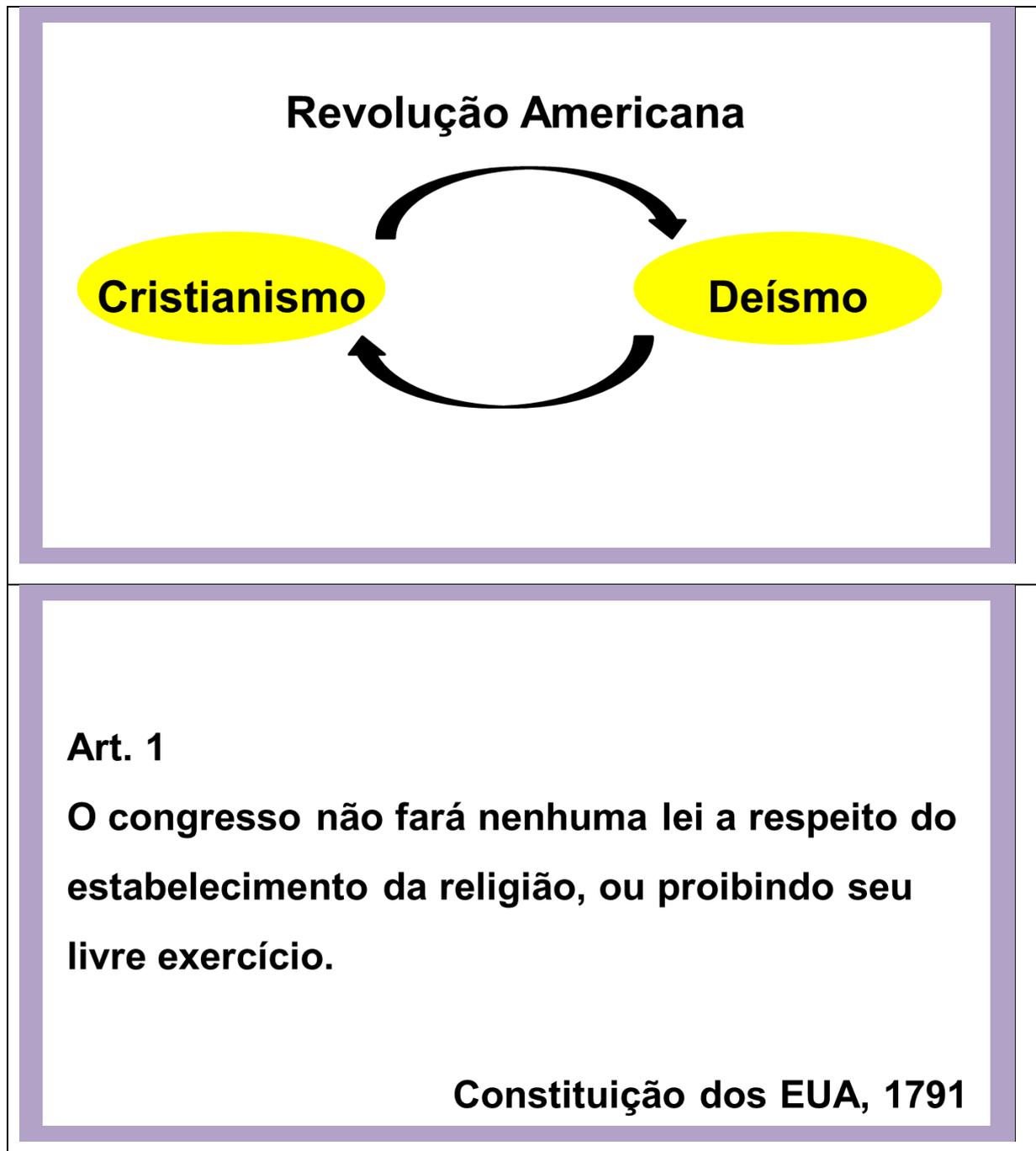
George Washington (1732 – 1799)

Fonte: https://es.m.wikipedia.org/wiki/George_Washington

Apesar de as raízes da Revolução Americana serem essencialmente religiosas, deve-se levar em consideração a influência da corrente humanista sobre ela. Os pioneiros do liberalismo político, Locke e Hobbes, serviram como inspiração principal no desenvolvimento da Revolução Americana.

A chave para o sucesso da Revolução Americana foi ter ela sido capaz de harmonizar as correntes cristãs e humanistas (unidade dos cristãos e deístas). As ideias do iluminismo, tais como o deísmo, não eram estranhas ao povo americano. Estas ideias penetraram profundamente na América, mas a incredulidade e o anticlericalismo dos filósofos

franceses nunca encontraram eco no povo americano. Para eles, o respeito pela religião era uma garantia de estabilidade das instituições democráticas e segurança dos indivíduos.



Observadores da história americana como Alexis de Tocqueville, escreveram que não se pode separar a democracia americana dos

princípios religiosos básicos. Em seu texto *Democracy in América*, ele disse que as crenças religiosas são uma parte integrante da prática política americana. A democracia americana tem que ser compreendida desta forma. De Tocqueville escreveu que procurou pela grandeza da América nos lugares de comércio, nos portos e nos locais de indústria; entretanto, ele não a encontrou lá. Foi quando entrou nas igrejas e encontrou os púlpitos inflamados com retidão que ele entendeu a grandeza da América. Ele escreveu: "A América é grande porque a América é boa, e quando a América deixar de ser boa, igualmente deixará de ser grande".



Alexis de Tocqueville (1805 - 1859)

Fonte: https://es.m.wikipedia.org/wiki/Alexis_de_Tocqueville

Esta tradição centralizada em Deus continuou na América nos séculos XIX e XX. Uma oração abria diariamente a sessão do congresso dos Estados Unidos. Por todo o país, milhões de estudantes iniciavam seu dia com oração. Sempre, mesmo nos momentos mais negros da

história americana, apareceu um líder que manteve a tradição de fé em Deus. Abraham Lincoln, por exemplo, tinha profundo entendimento do pecado grave que representava a escravidão. No muro do memorial de Lincoln estão gravadas as palavras do seu segundo discurso inaugural. Ele diz:

Esperamos veementemente, oramos fervorosamente para que este terrível flagelo da guerra possa terminar logo. Contudo, se for a vontade de Deus que ela continue até que toda riqueza acumulada durante duzentos e cinquenta anos de trabalho unido deva desaparecer, ou até que cada gota de sangue derramado com o açoite seja paga com outra derramada com a espada, ainda assim deve-se dizer como foi dito há três mil anos: "Os desígnios do Senhor são todos justos".

Lincoln sabia que a nação havia pecado e estava pagando por seus pecados. Ele compreendia que não podemos ignorar um grave erro como o erro da escravidão. Lincoln exortou o país a unir-se em um dia nacional de arrependimento, marcado por oração e jejum em 30 de abril de 1863.



Abraham Lincoln (1809 – 1865)

Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Abraham_Lincoln

F. A REVOLUÇÃO FRANCESA

A Revolução Francesa tomou um curso muito mais caótico e sangrento do que a Revolução Americana. Por quê? Qual foi a diferença básica entre a história americana e a história francesa?

O regime antigo da sociedade francesa era caracterizado pela monarquia absoluta e ausência de liberdade religiosa. Luís XIV, conhecido como "Rei Sol", havia colocado a França em um nível extremo. Ele proclamou: "L'État, c'est moi!" (O Estado sou eu!) Perseguiu grupos místicos dentro da Igreja católica como os quietistas de Madame Guyon e os jansenistas. Contrariou o Edito de Nantes que garantia liberdade religiosa para os protestantes. Contra eles, lançou massacres sangrentos conhecidos como "les dragonnades".



Tomada da Bastilha, 14 de junho de 1789

Fonte: <https://www.todamateria.com.br/a-queda-da-bastilha-na-revolucao-francesa/>

De acordo com muitos historiadores, a política repressiva de Luís XIV explica porque a filosofia do iluminismo e a Revolução Francesa tomaram a forma de uma reação violenta contra a coroa francesa e o Cristianismo (supostamente defendido pela coroa).



Luis XIV

Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_XIV_de_Fran%C3%A7a



Luís XIV

- 1. Místicos católicos eliminados**
- 2. Revogação do Édito de Nantes**

Quando ocorreu a Revolução Francesa, várias das principais figuras revolucionárias como Diderot e D'Holbach clamaram pela descristianização da França. O Cristianismo era visto como um instrumento pelo qual a monarquia tinha justificado seu poder. Certos proponentes da Revolução Francesa chegaram a afirmar que enquanto no passado a monarquia havia justificado a repressão através do Cristianismo, este seria o momento propício para vingar-se, esmagando o Cristianismo e sua hierarquia.

Assim, Alexis de Tocqueville pôde falar do "gênio anticristão" da Revolução Francesa. "Entre as paixões nascidas dessa revolução", ele escreveu, "a primeira a surgir e a última a se extinguir foi a paixão antirreligiosa. Nunca em nenhuma parte a paixão antirreligiosa foi tão geral, ardente, intolerante ou agressiva como na França [...]". (3)

Esta incredulidade fanática e militante é a diferença fundamental entre a Revolução Francesa e a Revolução Americana. Originalmente,

ambas as revoluções espalharam o mesmo desejo de liberdade e democracia, mas tomaram direções completamente diferentes. O historiador francês François Furet explica isto do seguinte modo:

A Revolução Americana fundou instituições garantidas por Deus, enquanto a Revolução Francesa estabeleceu instituições que não tinham mais base que elas próprias. A meta da Revolução Francesa era criar um novo homem e uma nova sociedade sem qualquer referência ao transcendente, servindo na realidade como um substituto para qualquer tipo de transcendência. (4)

Um fenômeno bastante significativo é que na Revolução Francesa, ao contrário da Revolução Americana, os deístas uniram-se aos agnósticos e aos ateus para opor-se violentamente contra os cristãos. Assim, os dois campos — o campo cristão e o secular campo anticristão — defrontaram-se impiedosamente. Isto não foi característica da Revolução Francesa mas também da Revolução Russa que seguiu sua tradição. Igualmente significativa foi a posição ambígua que a Revolução Francesa tomou sobre a liberdade religiosa, na declaração francesa dos direitos do homem e do cidadão:

Ninguém deverá ser molestado devido a suas opiniões, mesmo as religiosas, desde que a manifestação de suas opiniões não interfira com a lei e a ordem estabelecidas.

Nesta formulação, há uma evidente relutância com respeito à garantia da liberdade religiosa. Em 1791, a Revolução Francesa tentou ativamente descristianizar a França. No início da Revolução, a maioria dos clérigos apoiaram esforços a favor da democracia e abolição dos privilégios da

aristocracia, entretanto, logo se encontraram sob crescente pressão. Padres foram forçados a prestar juramento à constituição sob ameaça de serem exilados. As ordens monásticas foram suprimidas e as procissões públicas proibidas. Às comunas revolucionárias foram dados direitos de fechar igrejas de paróquias locais. As igrejas foram transformadas em templos da Razão onde efígies de mártires da revolução substituíam as efígies dos santos.. No departamento de Nièvre, o líder revolucionário Fouché arrancou todos os emblemas religiosos dos portões dos cemitérios e substituiu-os por placas dizendo: "A morte é um sono eterno".

Revolução Francesa 1798

- 1. Reação do Absolutismo**
- 2. O Cristianismo visto como um instrumento de aristocracia**
- 3. Suspeição geral da religião**

Revolução Francesa



Art. 10

Ninguém deverá ser molestado devido a suas opiniões, mesmo religiosas, desde que a manifestação de tais opiniões não interfiram com a lei e ordem estabelecidas.

Declaração Francesa dos Direitos do Homem, 1789

IV. ABUSOS SOCIAIS E INJUSTIÇA NO SÉCULO XIX

Abuso e Injustiças sociais no século XIX

- 1. A emergência do Darwinismo Social**
- 2. Resposta religiosa ao Darwinismo Social**
- 3. Sociedade ocidental de hoje**

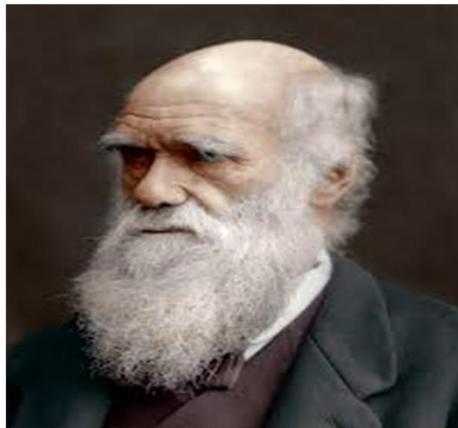
A.A EMERGÊNCIA DO DARWINISMO SOCIAL

Como mencionamos, o deísmo, que ganhou proeminência durante o Iluminismo e a Revolução Francesa, concebia o universo como uma máquina. Surgiu a questão de como apareceu a vida na máquina. Várias explicações para a origem e desenvolvimento da vida foram levantadas. Inicialmente, a opinião que ganhou mais popularidade foi a desenvolvida por Lamarck. Mais tarde, a Origem das Espécies, de Darwin, obteve ainda maior impacto.

Darwin observou que dentro da natureza alguns organismos herdavam, ao acaso, características que os faziam mais aptos do que outros para sobreviver. O princípio da "seleção natural" operaria, então, para selecionar aqueles que eram mais aptos para sobreviver e permitir-lhes perpetuar as espécies.

Por exemplo, digamos que existissem duas variedades de

determinadas espécies de veados, uma com pernas mais compridas do que a outra. Vindo um predador, o veado com as pernas mais compridas teria maior chance de escapar. Podemos dizer que aqueles veados teriam maiores possibilidades de sobreviver e reproduzir. Darwin observou que a descendência de tal veado herdaria potencialmente as mesmas características. Por este processo de seleção natural, uma espécie avançaria ou se desenvolveria. O princípio fundamental seria o que chamamos de “sobrevivência do mais apto”.



Charles Darwin (1809 - 1882)

Fonte: <https://www.greelane.com/pt/ci%C3%A2ncia-tecnologia-matem%C3%A1tica/animais-e-natureza/interesting-facts-about-charles-darwin-1224479/>

Uma coisa é aplicar este princípio na natureza, outra é aplicá-lo à sociedade humana. Herbert Spencer, pensador britânico e contemporâneo de Darwin, afirmava que a “sobrevivência do mais apto” aplicava-se não apenas aos animais, mas também à sociedade humana. Para Spencer, alguns membros da espécie humana eram mais “aptos” do que outros. Alguns eram hereditariamente destinados a viver na

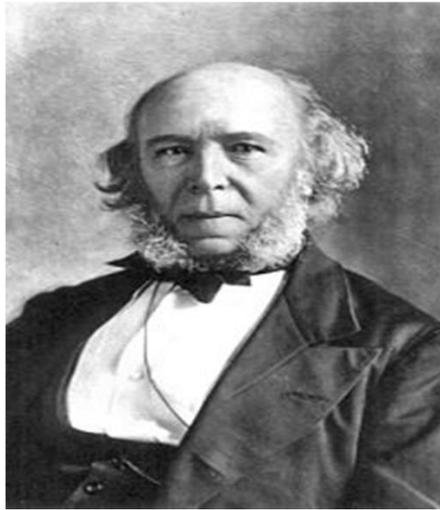
prosperidade, enquanto outros estavam biologicamente destinados a viver na pobreza. Para Spencer, certas raças estavam também biologicamente destinadas a dominar outras raças.



Darwinismo

Sobrevivência do mais apto

As teorias de Spencer tiveram grande impacto sobre o pensamento na primeira parte do século XX. O darwinismo social (como geralmente a teoria de Spencer é chamada) serviu como justificativa para o egoísmo. Da mesma forma, serviu de justificativa para exploração do fraco pelo forte. Certos industriais e empresários usaram o darwinismo social para justificar a forma impiedosa da prática do "capitalismo".



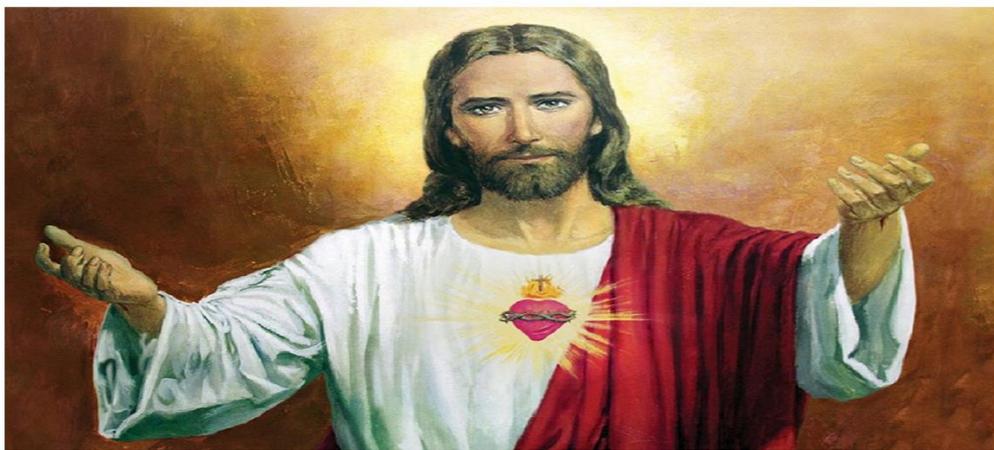
Herbert Spencer (1820 – 1903)

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Herbert_Spencer

B. A RESPOSTA DA RELIGIÃO AO DARWINISMO SOCIAL

**O Darwinismo Social
serve como justificativa
para a injustiça**

Esperaríamos que os cristãos respondessem a esta degeneração da tradição ocidental e viessem em defesa do fraco, baseados na crença de que todos são filhos de Deus. Infelizmente, o Cristianismo não manteve esta posição de modo decisivo. Houve exceções como John Wesley, que defendia os direitos e proteção para os trabalhadores; Bartolomeu de las Casas, que defendia os direitos dos americanos nativos; e Albert Schweitzer, o grande missionário e humanitário. Tragicamente, entretanto, vemos que a resposta dos cristãos foi truncada pela má aplicação da visão teológica da predestinação de João Calvino.



Cristo

Fonte: <https://www.seropedicaonline.com/eventos/eventos-religiosos/seropedica-comemora-nesta-terca-feira-2-dia-de-adoracao-a-cristo-2/>



João Calvino (1509 – 1564)

Fonte: https://www.wikiwand.com/pt/Jo%C3%A3o_Calvino

Em resumo, a predestinação é a posição teológica que ressalta que o destino espiritual de cada pessoa era predeterminado por Deus e nenhum esforço humano poderia mudar este destino. Mais tarde a predestinação foi enganosamente aplicada, sendo interpretada no contexto sócio-político para justificar o domínio de uma raça sobre outras. Também serviu para justificar a insensibilidade dos cristãos para com a necessidade dos outros. A prosperidade financeira de um cristão vinha a ser interpretada como afirmação da salvação. A pobreza de outros era testemunho de sua condenação. Alguns estavam predestinados à salvação e, portanto à prosperidade econômica; outros estavam condenados à condenação e abjeção.

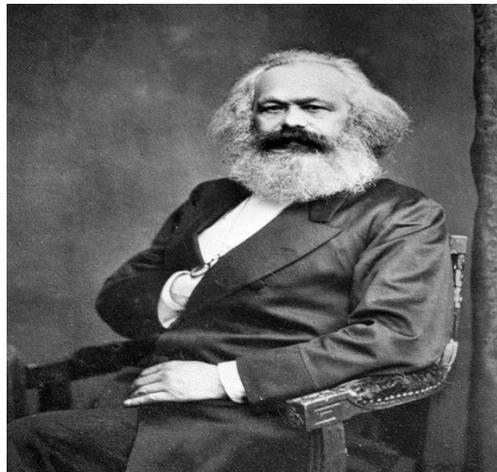
No contexto Sócio-Político a Predestinação Justificava a “Sobrevivência do mais Apto.”

Isto criou um trágico paralelo entre o Cristianismo e o darwinismo social. Em outras palavras, o indivíduo "predestinado" coincidia com o "mais apto" determinado por Darwin e Spencer. Ao afirmar sua própria salvação, os cristãos ignoravam o pobre e o sofredor. Muitos sentiam-se teologicamente justificados ao fazê-lo. Assim, quando o Cristianismo falhou ao dedicar-se a problemas como a pobreza e exploração, o marxismo tomou seu lugar.



Engels

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels



Marx

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx

C.A SOCIEDADE OCIDENTAL DE HOJE

Devido a uma aplicação distorcida da predestinação, alguns dos princípios cristãos mais básicos, como o "amor ao próximo", foram postos de lado. Revoltados contra a discrepância entre palavras e ações,

os jovens recorreram às drogas e outros desvios trágicos, que supostamente serviam como alternativa para o que percebiam como piedade hipócrita. Tudo isso gerou progressivamente níveis cada vez mais profundos de revolta. Muitos se encontravam totalmente desiludidos.

V. O EXPANSIONISMO OCIDENTAL E AS TRÊS GUERRAS MUNDIAIS

No século XX, descobrimos que todo o mundo democrático está encontrando vários desafios. Do ponto de vista de perda de vidas humanas, não existe maior calamidade do que as guerras com base ideológica, que ocorreram e continuam a ocorrer neste século. Recordemos alguns dos acontecimentos e circunstâncias que levaram a estas três guerras mundiais.

O expansionismo ocidental e as Três Guerras Mundiais

III Guerra Mundial



II Guerra Mundial



I Guerra Mundial

<https://br.vexels.com/png-svg/previsualizar/169322/carregador-de-metralhadora-barril-bunda-silhueta-de-arma>

A. 1 GUERRA MUNDIAL

I GUERRA MUNDIAL



I Guerra Mundial

Fonte: <https://www.nexojournal.com.br/interativo/2018/11/13/O-que-voc%C3%AA-sabe-sobre-a-Primeira-Guerra-Mundial-Fa%C3%A7a-o-teste>

No século XIX, a Europa iniciou um grande movimento de expansão imperialista na Ásia e África. Os dois principais países democráticos do continente, Grã-Bretanha e França, tomaram a liderança deste movimento e construíram poderosos e prósperos impérios.

Muitas teorias foram desenvolvidas neste tempo para justificar o expansionismo imperial. Para os imperialistas britânicos, era providencial, civilizadora e humanitária a missão da raça britânica, superior e predestinada por suas qualidades, virtudes e instituições a expandir-se por todo o mundo. "Se existe um Deus", escreveu um edificador do império britânico, Cecil Rodhes, "Ele trabalha de modo invisível para fazer da raça anglo-saxônica o instrumento escolhido pelo qual Ele trará um estado social fundamentado na administração, liberdade e paz". Por esta visão, educar e treinar os povos inferiores eram a "carga do homem branco", a responsabilidade do povo britânico.

Entre os movimentos que surgiram para elaborar uma doutrina

imperialista britânica, a mais famosa foi o Movimento da Mesa Redonda, fundado em 1909 por jovens liberais reunidos ao redor de Sir Alfred Milner. Estes patriotas jovens acreditavam na superioridade inerente da civilização britânica, e a tarefa de um inglês era levar os frutos desta civilização para a humanidade. Sua ideologia era uma combinação do darwinismo social e a ética cristã. "Esta é a lei do progresso humano", disse Milner, "que a competição entre as nações, cada qual buscando seu desenvolvimento máximo, é a ordem divina do mundo, a lei da vida e do progresso".

A meta primária da Mesa Redonda era reforçar a unidade política da nação britânica como base da supremacia anglo-saxônica no mundo. Esta supremacia, que eles viam como a melhor contribuição para a estabilidade no mundo, tinha que ser estabelecida, com a força se necessário, para o maior benefício de todos ao final.

No final do século XIX, a Terceira República Francesa considerava-se um regime que poderia construir a grandeza da França através da expansão colonial, em oposição à monarquia que havia perdido a maioria das colônias francesas para a Inglaterra no século XVIII.

Para os líderes da Terceira República, a colonização era uma mera continuação do ideal republicano na linha da Revolução Francesa. Eles consideravam a civilização humanista francesa, a mais avançada, a mais progressiva e a mais universal. Durante as guerras revolucionárias, a França tentara trazer os princípios de igualdade para o resto da Europa. Após o épico napoleônico, a missão da França era chegar até os povos mais atrasados do mundo, apressando o dia quando a humanidade se uniria no mais alto nível da cultura humana. Esta "missão civilizadora"

implicava em direitos bem como em obrigações. "As raças superiores", disse o líder republicano Jules Ferry, principal patrocinador do imperialismo francês nos idos de 1880, "têm um direito sobre as raças inferiores" [...] porque elas têm a tarefa de civilizar "as raças inferiores".

As teorias de Darwin foram usadas para reforçar tais opiniões. A colonização apresenta "todos os caracteres nos quais se reconhecem as forças da natureza". (Charles Gide.) "A necessidade de expansão [...] está tão intimamente ligada aos instintos de todos os seres que se podem ver aí as manifestações essenciais da vida". (J. Harmand.)

No final de 1880, os Estados Unidos, seguindo o exemplo das potências europeias, abandonaram a orientação isolacionista tradicional de sua política externa e lançaram uma orientação imperialista em sua esfera de influência, a América Latina e o Pacífico. A estratégia americana não consistia em estabelecer colônias, como faziam a maioria das potências europeias, mas em formar um sistema de protetorados financeiros ou formais.

Novas correntes intelectuais apareceram, trazendo justificativa histórica, filosófica e religiosa para o expansionismo dos Estados Unidos. Os argumentos correntes eram frequentemente uma curiosa tendência de considerações materialistas de interesse próprio e conceitos altruístas enraizados no idealismo cristão. A doutrina de Darwin da sobrevivência do mais apto foi usada por muitos teóricos para justificar a superioridade das instituições democráticas americanas e da civilização anglo-saxônica. O historiador John Fiske desenvolveu uma teoria darwinista social descrevendo o sistema americano como "o mais apto" do mundo e necessariamente destinado a ser aplicado a outras nações. O

pastor congregacionalista Josias Strong usou a teoria da evolução para apoiar a ideia da superioridade inata da raça anglo-saxônica. Em seu livro *Our Country* (Nosso País) ele expõe como Deus investiu o povo americano da missão de trazer os grandes princípios da liberdade civil e o "Cristianismo espiritual" para todos os povos mais fracos e inferiores do mundo. Outros pensadores mais puramente altruístas descreveram os Estados Unidos como o defensor de todos os que lutavam pela liberdade e pelos movimentos democráticos do mundo, ao invés de seus interesses nacionais egoístas.

As diferentes motivações dos colonizadores expansionistas produziram consequências diversas. Resultados positivos da expansão ocidental para as populações nativas podiam ser testemunhados nos campos do desenvolvimento técnico, riqueza pública e educação. Em contrapartida, elas se conduziram em sua maior parte com uma óbvia falta de sensibilidade pelas necessidades locais.

Algumas vezes apareciam as mais sórdidas intenções, como a Guerra do Ópio na China em 1839. Neste tempo, a Inglaterra que dominava a Índia, onde florescia o cultivo de ópio, procurava novos mercados para a droga. Eles alcançaram sucesso em disseminar o vício na China, onde os adeptos reuniam-se nos notórios "antros de ópio". Incomodados pela destruição de seu povo, as autoridades de Cantão jogaram 20.000 caixas de ópio no oceano. Após pedir indenização pelo ópio perdido e encontrar a recusa chinesa, a Inglaterra lançou a sangrenta Guerra do Ópio.

Pelo final do século, surgiu outra grande potência, a Alemanha imperial, ganhando supremacia sobre o Continente Europeu com sua

economia florescente e exército poderoso. Os alemães tinham sido, de alguma forma, deixados para trás pela Inglaterra e França na corrida pelo controle de novos mercados e novas conquistas além-mar, limitando, assim, o escopo da expansão alemã. Em toda a cena mundial, a Alemanha batia-se contra potências coloniais mais bem-sucedidas.

O Kaiser Wilhelm II gostava de ser constantemente chamado como o maior soberano da terra e o fundador da supremacia alemã. Joseph Chamberlain descrevia o povo britânico como "o maior dos conquistadores jamais vistos no mundo", e isto o ofendeu profundamente. A crescente tensão entre potências europeias finalmente fez explodir a Primeira Guerra Mundial.

Após a queda do império czarista russo e a entrada dos Estados Unidos na guerra em 1917, a maioria do bloco democrático, liderado pela França, Inglaterra e Estados Unidos, se opôs à coalizão das nações autocráticas centrais lideradas pela Alemanha, Áustria e Turquia.

As nações democráticas venceram a guerra, mas a nova ordem mundial que moldaram em 1918 criou as condições para um segundo confronto global.

B. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

II GUERRA MUNDIAL

A Inglaterra e especialmente a França queriam evitar que a Alemanha se recuperasse como uma grande potência. Elas adotaram uma atitude de desforra, estabelecendo indenizações de guerra além das possibilidades da economia alemã, então no caos. “A Alemanha pagará!” era o lema central da política francesa em 1920. Em 1923, o premier Raymond Poincaré enviou tropas para a região do Rhur para forçar os alemães a iniciarem o pagamento. Este ato humilhante contribuiu muito para criar o maior ressentimento entre os Alemães e permitir o surgimento do nacional-socialismo.

Após Adolf Hitler tomar o poder em 1933, a Inglaterra e a França adotaram uma atitude de fraqueza. Tentando sistematicamente evitar confronto direto com os novos líderes, elas encorajaram a cada um dos movimentos agressivos de Hitler.

Os Estados Unidos se contiveram em tomar imediata responsabilidade internacional após a guerra. Voltou-se para sua tradição isolacionista e nem mesmo tomaram parte na Liga das Nações que haviam ajudado a criar. Encorajados por esta passividade, os japoneses desafiaram os Estados Unidos como potência no Pacífico e emergiram como uma nova potência imperialista.

Assim, a falta de coragem e compromisso das nações democráticas resultou no rápido surgimento do nazismo alemão, fascismo italiano e militarismo japonês. Convencidos que as democracias moralmente fracas não responderiam, as forças do Eixo desencadearam a Segunda Guerra Mundial.

As nações democráticas aliadas (Estados Unidos, Inglaterra e França) sobreviveram a este novo desafio e venceram o confronto, contudo, mais uma vez criaram condições para um terceiro conflito global, formando uma nova ordem mundial que dava enorme vantagem ao vencedor da guerra, a totalitária União Soviética.



Hitler (1889 – 1945)

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fam%C3%ADlia_de_Adolf_Hitler

C.A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL

III GUERRA MUNDIAL

Todo o período posterior à Segunda Guerra tem sido marcado por um constante confronto entre o mundo livre e o mundo comunista a

nível global. Por este motivo, muitos observadores consideram que a Terceira Guerra já começou. O terceiro mundo, particularmente, tornou-se o campo de competição entre leste-oeste (Guerra Coreana, Guerra do Vietnã, descolonização portuguesa, crise na América Central, etc).

Qual é a verdadeira natureza das guerras mundiais? A Primeira e a Segunda Guerra Mundial constituíram ameaças aos ideais cristãos e democráticos. No caso da I Guerra, vimos a democracia desafiada pelas nações autoritárias da Alemanha, Áustria e Turquia. No caso da II Guerra, o desafio veio de Adolf Hitler que se via como um "libertador" e interpretava a história com base no elitismo racial. Se as forças não-democráticas tivessem prevalecido em ambas as guerras (particularmente a II Guerra Mundial), a situação da sociedade ocidental seria trágica. Goste ou não, o mundo já se encontra em meio de outro conflito global.

1. O APELO ROMÂNTICO DO COMUNISMO

O comunismo constitui uma forma distorcida do humanismo. Baseando-se em cientifismo, o comunismo tem demonstrado uma habilidade única para convencer os jovens e os idealistas. Seus slogans e suas visões são capazes de atrair milhões.

Os comunistas tornam romântica sua revolução. Em seu texto *From Good Savage to Good Revolutionary* (De Bom Selvagem para Bom Revolucionário), o escritor venezuelano Carlos Rangel analisa a mentalidade da América Latina revolucionária e a vê como alguém em busca de uma identidade como um "nobre selvagem", perdido por causa

do capitalismo. Rangel afirma que alguns acreditam que através da revolução o nobre selvagem será restaurado e a cultura indígena retornará ao que Rangel vê como um inocente estado mítico. O comunismo não libertou nação alguma. Ao contrário, tem causado tremendo sofrimento. (5)

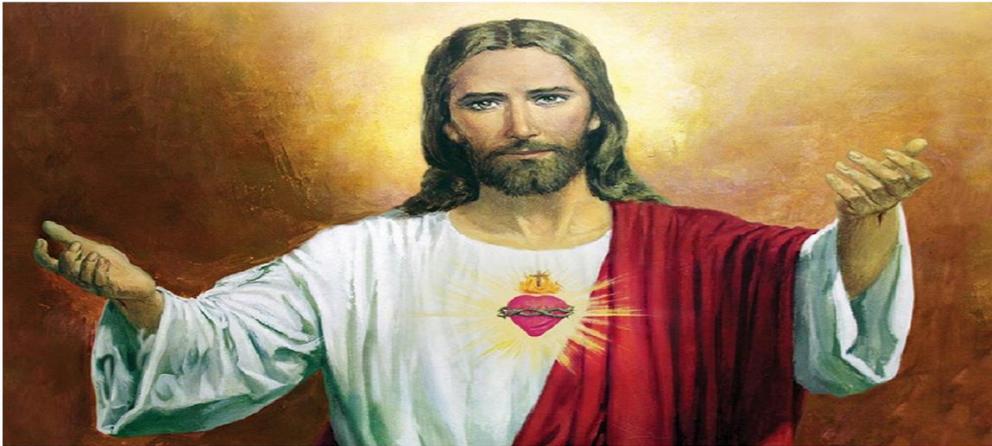
2. COMUNISMO E CRISTIANISMO NÃO SÃO COMPATÍVEIS

Ao invés de se oporem a ele, muitos cristãos têm frequentemente se comprometido com o comunismo. Na América Latina a "Teologia da Libertação" fornece aos cristãos a análise marxista da história e tem levado milhares ao comunismo. É admitido que sem uma base de apoio entre os cristãos, a revolução sandinista não teria sido imposta. Para muitos cristãos nicaraguenses, a fonte de apoio foi a "Teologia da Libertação". Existem muitas formas desta teologia, mas as mais militantes pregam o confronto violento com o sistema como parte do mandato cristão. Esta análise é tão poderosa que leva padres como Camilo Torres, da Colômbia, a dedicarem suas vidas à revolução. Para Torres, o verdadeiro cristão, é aquele, como fez Torres, que vai às montanhas com um rifle para tomar parte na revolução comunista. (6)



Lenin e Stalin, 1922

Fonte:



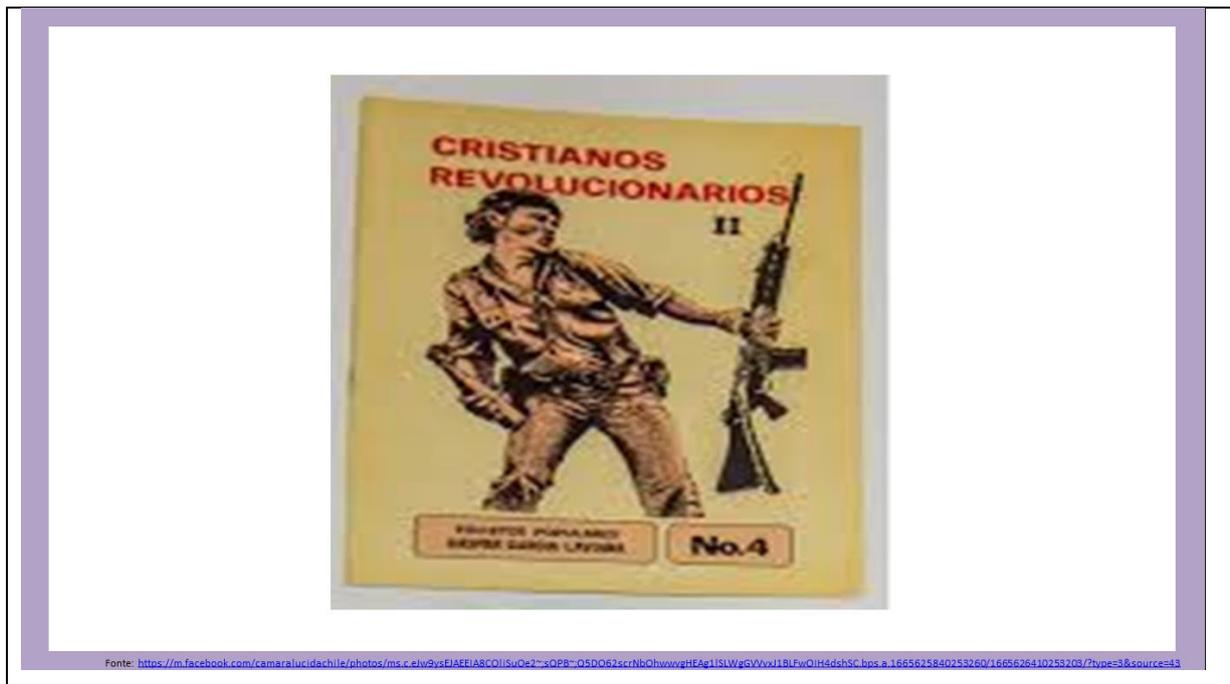
Fonte: <https://www.seronedicaonline.com/eventos/eventos-religiosos/seronedica-comemora-nesta-feira-2-dia-de-adoracao-a-cristo-2/>

Teologia da Libertação



Camilo Torres

Fonte: <https://revistaepn.com.br/2017/09/13/escrito-camilo-torres-mais-que-um-padro-guerrilheiro/>



Na América Latina, os comunistas nunca se aproximam dos cristãos de modo agressivo. Tentam ganhar sua confiança dizendo-lhes: “É claro que nada temos contra o fato de você manter a fé em Deus. Tudo o que pedimos é que você aceite nossa visão da história”. Uma vez que a pessoa é convencida a aceitar o materialismo histórico, pode seguir para o próximo degrau, que é o ensinamento do materialismo dialético. Isto leva à negação da existência de Deus.

Do ponto de vista lógico, entretanto, o Cristianismo e o marxismo não são totalmente incompatíveis. Com Deus ou sem Deus, é aqui que os cristãos são chamados a tomar uma posição.

Nos Estados Unidos, um estágio intermediário anterior ao comunismo pode ser o humanismo secular. O humanismo secular é esboçado no "Manifesto Humanista", publicado em 1933, 85 anos após o Manifesto Comunista. Ele expressa, no estilo humanitário dos ministros ateístas e agnósticos e professores que o formaram, pontos

essenciais do materialismo, inclusive a crença em um universo que é auto-existente e não criado, e um ser humano que é um produto de sua interação com a natureza. O humanismo secular glorifica tudo o que é indulgente e bom na vida humana, afirma que todos os problemas devem ser resolvidos apenas pelos homens, e apesar de não negar as possibilidades das "realidades ainda não descobertas", acredita que somente o que pode ser provado por métodos científicos existe como realidade. O 149 artigo do manifesto diz:

Os humanistas estão firmemente convictos de que a atual sociedade aquisitiva e motivada pelo lucro tem se mostrado inadequada e que uma mudança radical nos métodos, controles e motivos deve ser instituída. Uma ordem econômica cooperativa e socializada deve ser estabelecida [...] (7)

O humanismo secular nega a existência de experiências espirituais. Isto limita a verdade para o que pode ser provado racional ou empiricamente. Esta posição pode levar ao marxismo, e, no mínimo, tem servido para insensibilizar a espiritualidade do século XX.

3. PERSEGUIÇÃO COMUNISTA AOS CRISTÃOS

A revolução sandinista na Nicarágua recebeu muito apoio da Igreja. Todavia, quando os sandinistas chegaram ao poder, começaram a perseguir os cristãos, a destruir sua fé e conseqüentemente provocar sua separação espiritual de Deus. Antes de tomar o poder, os comunistas sempre prometem respeitar a liberdade de religião. Na Nicarágua, no

início da Revolução, os sandinistas proclamavam a unidade de ação com os cristãos: "Juntemos nossas forças" disseram, "para destruir a ditadura de Somoza". No entanto, uma vez solidamente instalados no poder, os sandinistas lançaram uma campanha violenta na imprensa oficial e organizaram grandes demonstrações contra as igrejas protestantes e evangélicas, as quais definiram como "cultos" prontos para invadir o país. Fecharam também a única sinagoga.

Com relação à Igreja católica, sua estratégia foi mais sutil. Tentaram quebrar a unidade da Igreja promovendo uma "igreja popular" liderada por agentes comunistas infiltrados, contra a hierarquia ainda fiel ao Papa. O Papa João Paulo II denunciou vigorosamente esta tentativa de subversão infernal em sua visita à Nicarágua em 1983, e em 1984 ordenou que padres católicos deixassem suas posições no governo sandinista.



Catedral de Manágua, 1979

Fonte: <http://baricada.com.ni/recordando-amanha-talvez/>

O ex-colaborador sandinista Humberto Belli descreve a grade situação na Nicarágua:

O presente relatório pretende mostrar que a confiança dos cristãos na revolução sandinista foi enganosa. As dificuldades que os cristãos encontram agora no governo sandinista — bem como o corte do governo às liberdades básicas, cooperação com Cuba, os soviéticos e assim por diante — são os resultados do fato de que os sandinistas são fundamentalmente marxistas-leninistas. Esta política se deve ao motivo de que os líderes sandinistas estão explícita e firmemente comprometidos com a ideologia marxista-leninista. Devido a este compromisso, seria inconcebível que buscassem qualquer outra política além da que já têm.

As implicações desta situação são muito graves para os cristãos na Nicarágua. Eles enfrentam um governo que expressou sua dedicação em construir um estado comunista na Nicarágua, no qual não há lugar para igrejas que são, afinal de contas, independentes do governo — sem lugar para as igrejas que querem preservar a integridade do ensinamento e ao alcance do cristão. O governo já indicou seu desejo de usar todo meio para manipular, dividir, aviltar, intimidar ou então perseguir os cristãos que não derem seu apoio irrestrito à política sandinista.

É imperativo que os cristãos fora da Nicarágua abram seus olhos e compreendam devidamente as circunstâncias que seus confrades cristãos enfrentam na Nicarágua, hoje. A

falha em entender o que são estas circunstâncias tem levado muitos cristãos a absterem-se de apoiar seus amigos cristãos na Nicarágua, e, mesmo pior, têm sido levados, às vezes, a apoiar os que os estão perseguindo. Isto tem sido uma repetição de um modelo que se desenvolveu após a revolução comunista em Cuba.

Armando Valladares, um cristão e poeta cubano libertado no ano passado após 22 anos de prisão em Cuba, escreveu que a experiência mais dolorosa dos cristãos em Cuba tem resultado do apoio que os cristãos do exterior dão ao governo marxista, ao invés de dá-lo aos cristãos perseguidos pelo governo. Estas são suas palavras:

"Durante aqueles anos, com a finalidade de forçar-nos a abandonar nossas crenças religiosas e desmoralizar-nos, os doutrinadores comunistas cubanos usavam repetidamente as afirmações de apoio para a revolução de Castro feitas por representantes das igrejas cristãs americanas. Toda vez que um panfleto era publicado nos Estados Unidos, ou sempre que um clérigo escrevesse um artigo de apoio à ditadura de Castro, uma tradução chegava até nós, e isto era pior para os prisioneiros políticos cristãos do que espancamentos e ódio. Enquanto esperávamos pelo abraço de solidariedade de nossos irmãos em Cristo, incompreensivelmente para nós aqueles que eram abraçados eram os nossos algozes". (8)

Os efeitos físicos do comunismo são os mesmos em toda parte: violência, ódio, elitismo e morte. O Ocidente, entretanto, tem falhado

em deter o crescimento do comunismo. Perdemos nosso idealismo e nossa visão, e por este motivo fracassamos em oferecer uma resposta viável ao marxismo.

Materialismo histórico

Materialismo dialético

Deus não existe

“Enquanto esperávamos pelos abraços de solidariedade de nossos irmãos em Cristo, incompreensivelmente para nós, os que foram abraçados foram nossos algozes.”

Armando Valladares em uma prisão cubana



Memorial das vítimas do genocídio cambojano

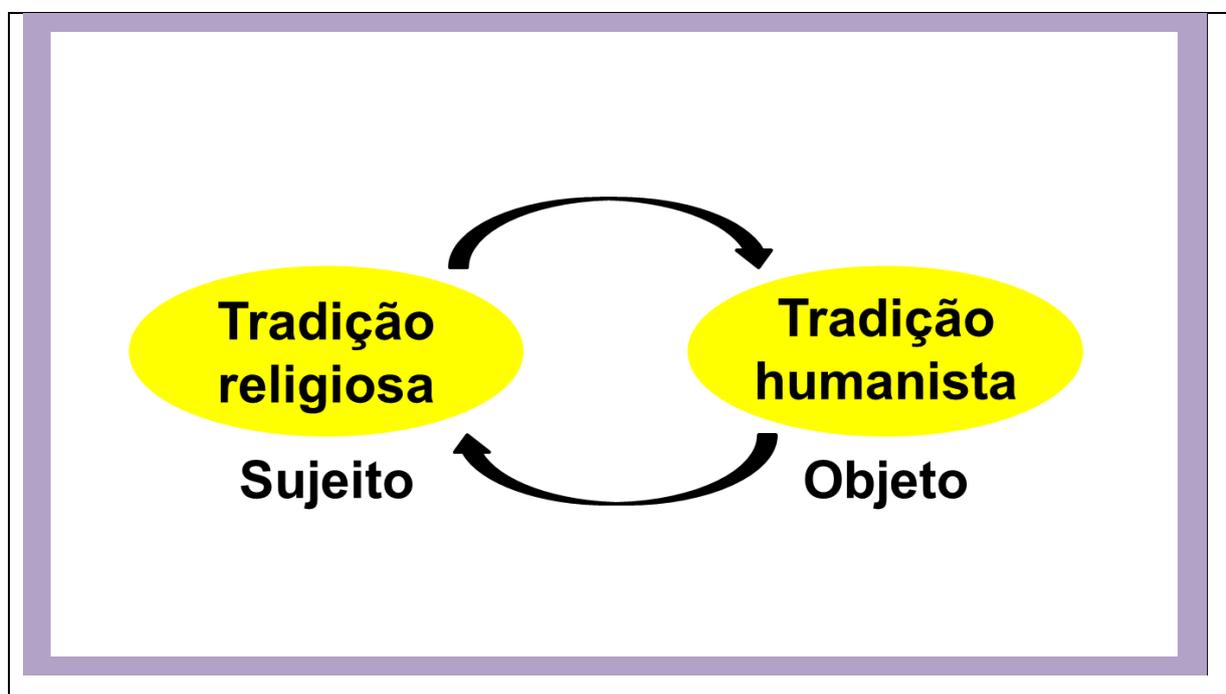
4. A FALTA DE ALERTA NO OCIDENTE À AMEAÇA COMUNISTA

Apesar de Lenin ter declarado desde o início que a revolução comunista não teria fim até que o mundo estivesse subjugado ao comunismo, nós no Ocidente temos sido incapazes de entender a extrema gravidade da ameaça soviética. Em cidades ocidentais como Boston e Nova Iorque, milhares de jovens participam em protestos contra a crueldade das experiências com animais, mas falham em protestar contra a crueldade comunista com seus semelhantes.

Ao mesmo tempo, cidadãos do Ocidente mostram grande atenção com referência aos armamentos ocidentais, mas falham em mostrar semelhante atenção ao maciço armamento soviético, apesar dos líderes soviéticos terem declarado seus objetivos e estarem movendo-se consistentemente para alcançar o efetivo domínio do mundo.

CONCLUSÃO

Para concluir, vamos resumir o desenvolvimento da tradição humanista e religiosa nos últimos cinco séculos. A Reforma e a Contrarreforma católica culminaram no século XVI. A elas seguiu-se dois séculos mais tarde o Grande Despertar na América e o movimento pietista na Europa. Estas renovações religiosas serviram como base para a Revolução Americana, bem como base para a democracia ocidental.



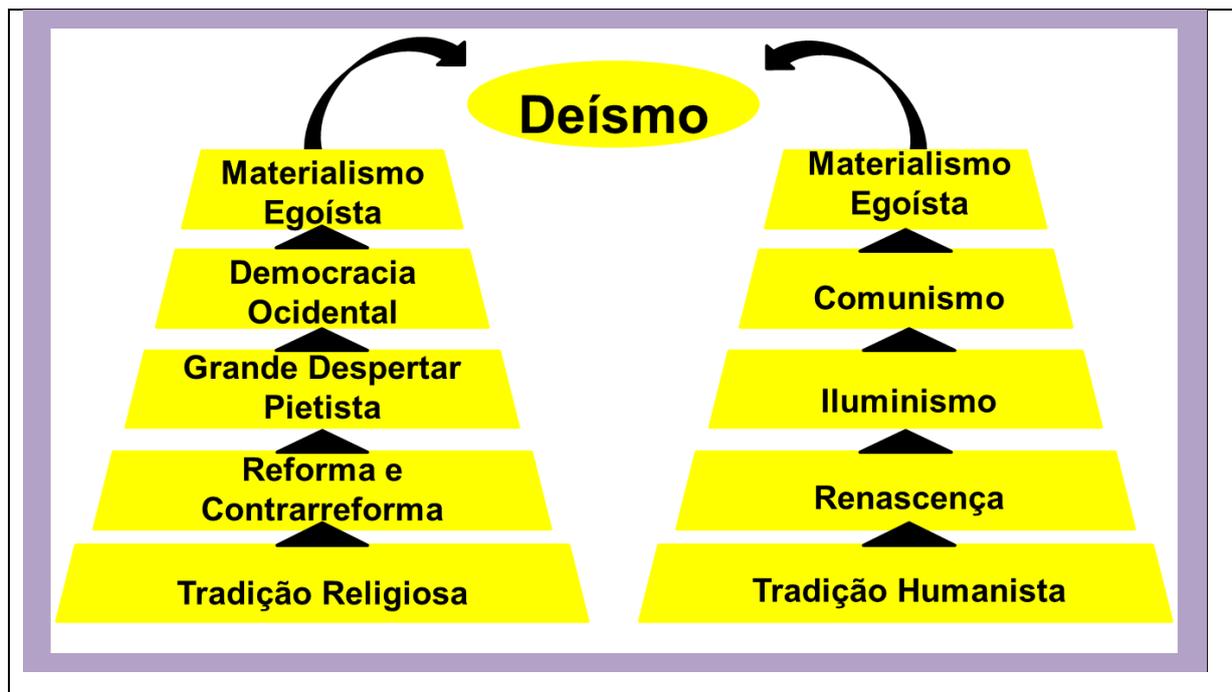
Contudo, no Ocidente, ainda prestamos um serviço superficial aos ideais religiosos, nossas sociedades estão se tornando cada vez mais materialistas. Hoje, toda a humanidade necessita de uma cosmovisão que tenha a habilidade de reviver o idealismo e altruísmo no mundo livre, que possa oferecer soluções para os problemas sociais e pessoais, e

promover a cooperação e a paz entre as muitas nações desenvolvidas e subdesenvolvidas.

No lado humanista, a Renascença foi seguida pelo iluminismo. Esta visão humanista contribuiu não apenas para a Revolução Francesa, mas também estabeleceu o fundamento filosófico para a revolução comunista. O filósofo francês Maurice Clavel observou que através da Renascença, o homem negou o pecado; através do iluminismo, negou a revelação, e através do comunismo, negou a Deus.

Após milhões de vidas como pagamento, o comunismo nem produziu uma sociedade utópica e nem se aproximou desta meta. Hoje a Europa Oriental está infestada de crime. A cada cinco minutos, há um assassinato violento (provocado por assaltos, roubos, etc.) cometido na União Soviética. **(9)** Hoje, em cidades como Budapeste, os jovens recorrem às drogas. **(10)** Além disso, por ser sua sociedade composta de uma elite rica e poderosa (a *Nomenklatura*), podemos dizer que seus frutos são o materialismo e o egoísmo.

Podemos concluir que nem o comunismo devido ao seu fundamento ateu e nem a sociedade ocidental contemporânea devido à sua presente confusão de valores, tem respondido efetivamente aos problemas humanos. Por este motivo, necessitamos de uma nova resposta — uma resposta que possa unir estes dois desenvolvimentos. Estamos nos referindo ao Deusismo.



INTRODUZINDO O DEUSISMO

No passado, a teoria científica frequentemente contradisse o pensamento religioso. A sociedade e alguns cientistas tiveram que escolher entre suas crenças religiosas tradicionais e recentes descobertas científicas. Desde o Iluminismo, as pessoas têm frequentemente optado pela ciência.

Isto tem mudado no século atual. O materialismo negou a existência do elemento espiritual em ação no mundo físico e tentou racionalizar todos os fenômenos com base na observação científica. Em *The New Class Divided* (A Nova Classe Dividida), Alfred Parry salienta que hoje, cada vez mais, cientistas do bloco oriental descobrem contradição entre recentes descobertas científicas e o materialismo comunista. Entre os cientistas soviéticos, a teoria comunista é entendida como não científica e obsoleta. Sob a luz de contínuas descobertas científicas em campos

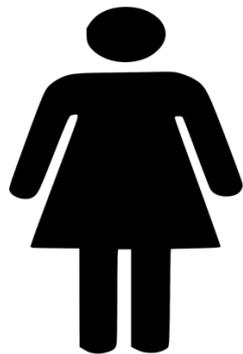
como física nuclear e cibernética, os dias do absolutismo comunista parecem estar contados. **(11)**

Sem consideração pelo processo pelo qual os homens se desenvolveram, o materialismo não pode negar o papel único do homem em toda a ordem universal. Somente o ser humano pode relacionar-se e apreciar cada dimensão da criação — o mar, as estrelas, plantas, peixes, répteis ou mamíferos. Hoje os cientistas argumentam que há uma crescente evidência de que o mundo foi feito para o homem.

Deus escolheu a humanidade como instrumento para expressar Seu amor para toda a criação. Por este motivo, podemos apreciar toda a natureza.



O verdadeiro valor do ser humano é infinito. Todo homem é filho de Deus. Toda mulher é filha de Deus.



=

**Filha de
Deus**

<https://pixabay.com/pt/vectors/mulher-silhueta-black-s%C3%ADmbolo-28789/>



=

**Filho de
Deus**

Madre Tereza de Calcutá disse certa ocasião que a primeira vez que viu um homem morrendo nas ruas, ficou repugnada. Porém, alguma coisa a chamou para aquela pessoa e a levou a levantá-lo e levá-lo para sua casa. Olhando nos olhos do homem ela viu Cristo. Ela descobriu o verdadeiro valor do seu semelhante. As implicações da tradição judaico-cristã são ilimitadas. Todo homem e toda mulher têm um valor divino

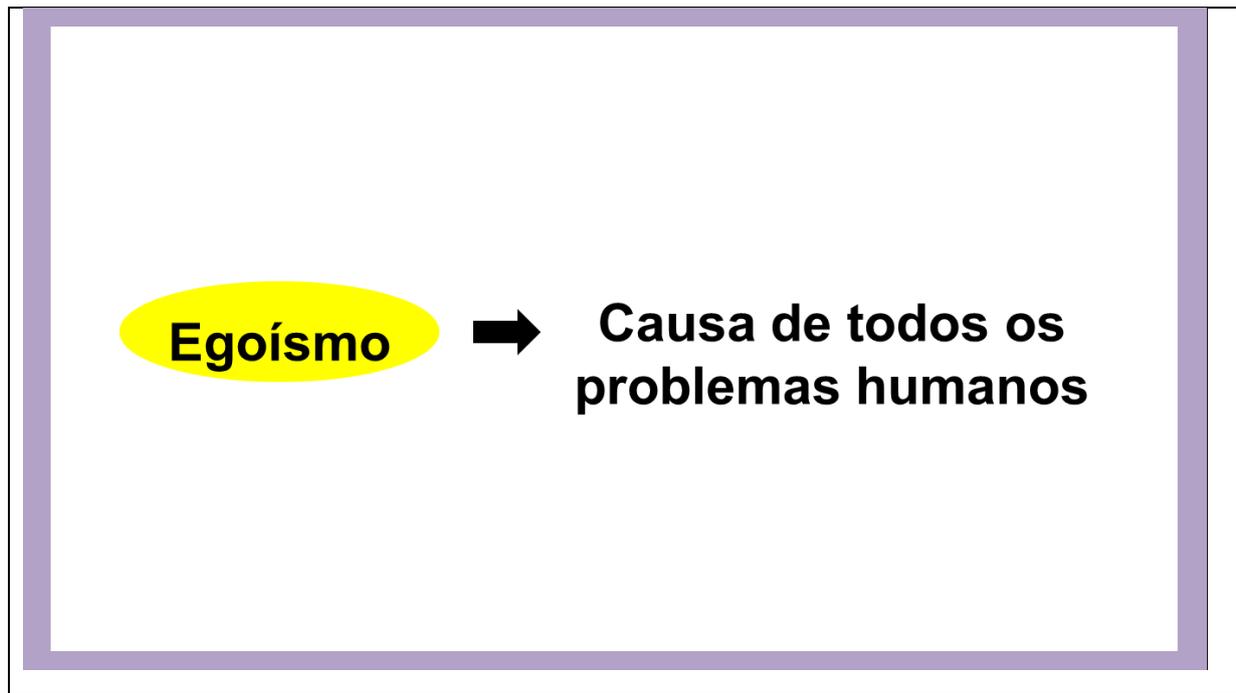
único. Todo homem e toda mulher, por este motivo, merecem nosso respeito, nosso amor, nosso carinho e nossa dedicação.



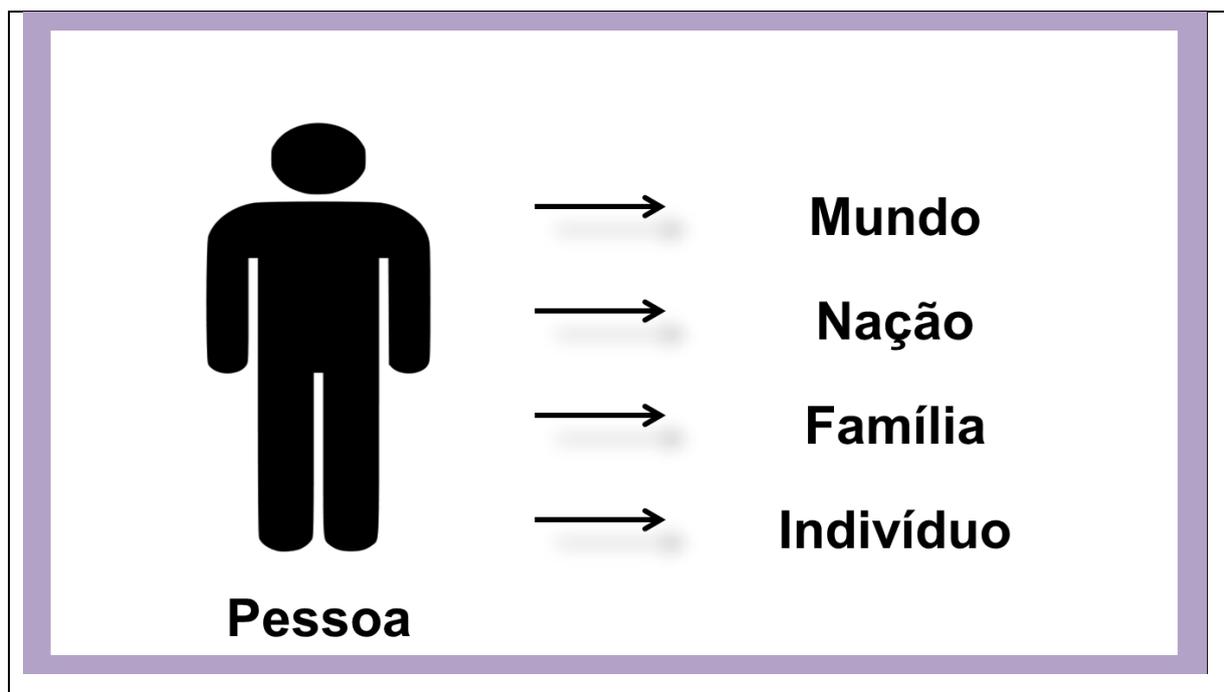
Madre Tereza

Fonte: <https://santo.cancaonova.com/santo/santa-teresa-de-calcuta-dedicou-sua-vida-aos-mais-pobres/>

As pessoas são cegas para com outras por causa do egoísmo. Como vimos no século XIX, o egoísmo foi justificado filosoficamente pelas opiniões mundiais materialistas. Mesmo que a realidade da segunda parte do século XX desafie tais percepções materialistas.



Ultimamente cada um de nós tem que refletir sobre seu próprio ego. Para quem é a minha vida? Para mim mesmo? Minha família? A nação? O mundo? Deus? Os grandes nomes da história foram aqueles que foram capazes de viver por amor à sua nação e mais além. Tal tipo de vida requer que se vá além do egoísmo. Não podemos ir além do egoísmo sem Deus e uma apreciação do valor de cada pessoa como filho de Deus. Somos uma família em Deus. Por sermos uma família em Deus, podemos ir além de raça e credo, tornando os homens verdadeiros irmãos. A meta da Cosmovisão da CAUSA e a tarefa do homem moderno é a harmonia entre a tradição religiosa e humanista, e também entre as culturas e nações.



O ex-presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, falou eloquentemente aos corações e imaginações de muitas pessoas quando disse:

Para aqueles em cabanas e vilas pelo globo lutando para quebrar os laços da miséria, empregamos nossos melhores esforços para ajudá-los a ajudarem-se por qualquer período necessário — não porque os comunistas podem fazê-lo, não porque queremos seus votos, mas porque isto é justo. (12)

NOTAS DO CAPÍTULO SEIS

1. Romanos 7:22.23.
2. Albert Camus, *The Rebel*, New York, Vintage Books, 1956, p. 26-27.
3. Alexis de Tocqueville, *The Ancient Regime and the Revolution*.
4. François Furet, "Entrevista", *New York Tribune*, 4 de julho de 1983, p. 1B,

5. Carlos Rangel, *Du Bon Sauvage au Bon Révoitutionnaire*, Paris, Robert Laffont, 1976, p. 318.
6. Camilo Torres, *Revolutionary Priest*, editado por John Gerassi, New York, Randon House, 1971, pps. 324-326 e 426.
7. *The New Humanist*, Vol. VI, maio-junho, 1933, nP 3, p. 3.
8. Humberto Belli, Nicaragua: *Christians Under Fire*, Garden City, Michigan, Puebla Institute, pp. 7-8.
9. *A l'Est*, editado por Alain Brossa e Juan Yves Potel, Paris, Seuil, 2 de maio de 1983, p. 57.
10. *Ibid.*, p. 219-224.
11. Alfred Parry, *The New Class Divided*, New York, MacMillan Company, 1966.
12. John F. Kennedy, *Discurso inaugural*, 20 de janeiro de 1961.